

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

| Preços da assignatura                   | Anno<br>36 n.ºs | Semestre<br>18 n.ºs | Trim.<br>9 n.ºs | N.º<br>à<br>entrega |
|---|-----------------|---------------------|-----------------|---------------------|
| Portugal (franco de porte, moeda forte) | 35800           | 18900               | 5950            | 5120                |
| Possessões ultramarinas, (idem).....    | 40000           | 20000               | -5-             | -5-                 |
| Estrangeiro (união geral dos correios)  | 50000           | 25000               | -5-             | -5-                 |
| Brazil (moeda fraca).....               | 150000          | 75000               | -5-             | -5-                 |

4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 94

1 DE AGOSTO DE 1881

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO  
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVAZIO LOBATO. — Quinta e Palacio de Monserrate em Cintra, XAVIER DA CUNHA. — Gomes Leal, G. L. — José Alberto d'Oliveira Anchieta, BRITO REBELLO — A igreja de S. Francisco em Tavira, J. B. — Os caçadores do Inhambane, AUGUSTO DE CASTILHO. — A insurreição na Algeria, R. — Congressos Anthropologico e Litterario, trabalhos dos congressos, R. — Uma Recordação de nossos paes, M. ALVES DE SOUSA. — Actualidades Scientificas, um projecto gigantesco, caminho de ferro para navios sobre o istmo de Panamá, R. — Publicações.

**GRAVURAS.** — Cintra, galeria exterior do Palacio de Monserrate. — Igreja de S. Francisco em Tavira incendiada por um raio em 30 de março de 1881, Fragmento da capella-mór antes do incendio, Aspecto da capella-mór depois do incendio. — Africa portugueza, caçadores d'Inhambane — Antonio Duarte Gomes Leal. — Insurreição na Algeria, matança dos esparteiros hespanhoes em Oran. — Um projecto gigantesco, caminho de ferro para navios sobre o istmo de Panamá. — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Cinco grandes preoccupações dominam actualmente o espirito publico em Lisboa.

Os politicos andam preocupados com as eleições que se aproximam; os republicanos, com as prisões repetidas dos editores dos jornaes que-rellados: os artistas com a exposição d'artes re-

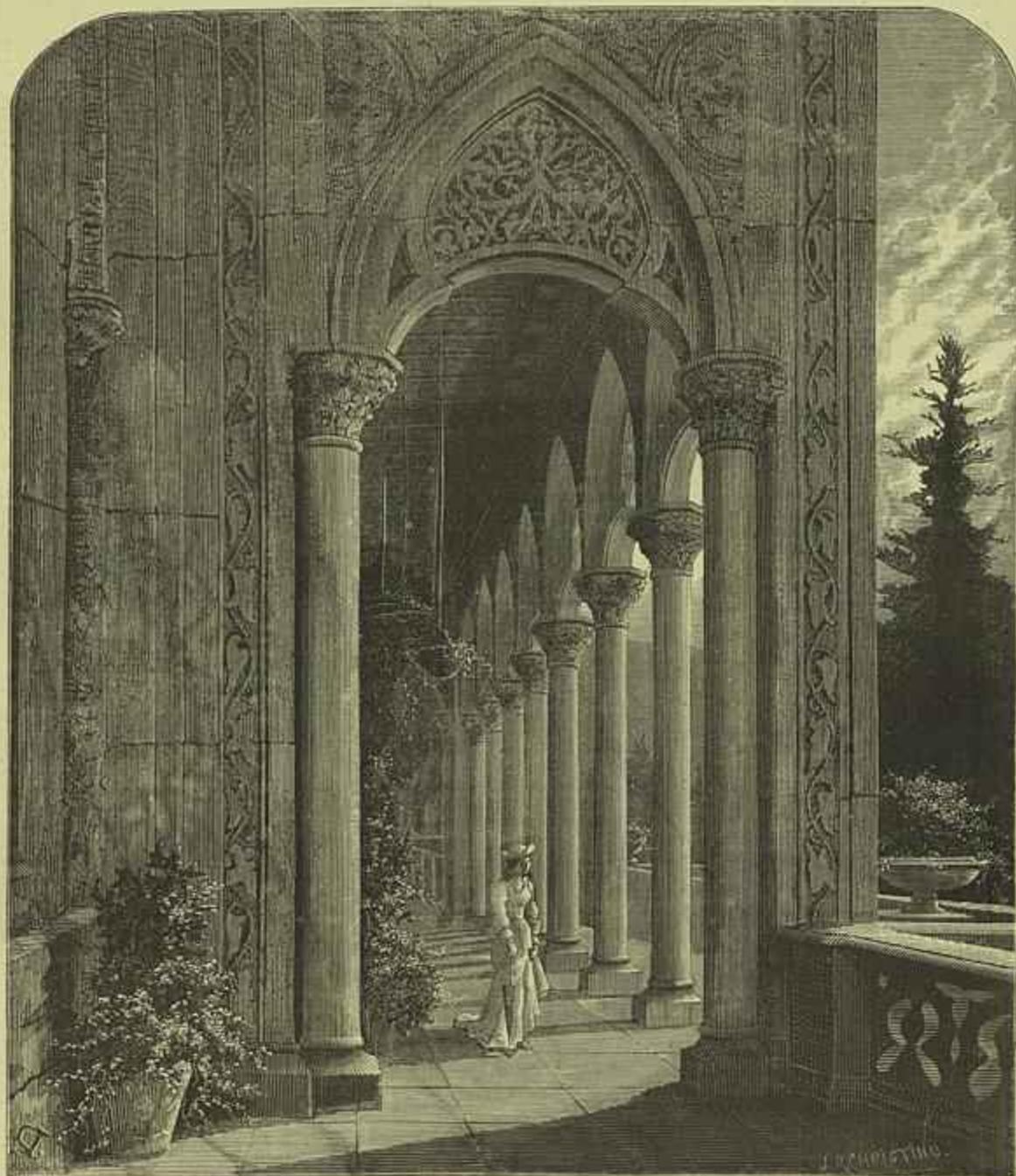
trospectivas, os homens de sciencia e os investigadores com a expedição exploradora da sociedade de geographia á serra da Estrella, os estudantes e os paes dos estudantes com a lei d'instrucção secundaria e a sua pratica nos exames finais.

As eleições annunciam-se renhidas e muito disputadas. Em quasi todos os circulos, o governo conta ganhar e a opposição julga a victoria certa. Assim é bom para não esmorecerem na lucta.

Brevemente se verá quem se enganava nos calculos, oxalá que seja a grande maioria, essa enorme tribu dos descrentes, que tem sobre a nossa politica opinião desconsoladora, — que tão bons são uns como outros. Oxalá que estes calculos d'um scepticismo demasiadamente justificado, falhem completamente.

— As prisões successivas do editor do jornal o *Seculo* têm feito bulha em Lisboa.

Desde o dia 24 de julho, um dia escolhido para a prisão, parece que como ponto para thema de exame de terceiro anno de portuguez: «exercício de estylo violento de artigo de fundo, com antitheses vigorosas e contrastes frisantes.» até ao dia 27 do mesmo mez, isto é, em tres dias, o editor do *Seculo* passou pela sensação, pouco conhecida dos editores dos jornaes portuguezes, de ser preso por tres vezes, e de por tres vezes ter depositado nas



CINTRÁ — GALERIA EXTERIOR DO PALACIO DE MONSERRATE

(Segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas).

mãos do respectivo escrivão criminal, a bonita quantia de duzentos mil réis.

Ora este dilúvio de prisões que cahiu de repente sobre a cabeça d'um sujeito, que para conseguir escapar-lhe teve que lançar mão d'um guarda chuva de 600 mil réis, fez sensação desagradavel em Lisboa.

Nós, simples chronistas, não temos mais do que registar os factos, e por isso abtemo-nos, e com grande prazer nosso, de quaesquer considerações.

Que estas prisões estão na lei, é certo, que não estão porém nos nossos costumes é inegavel.

Não são illegaes estas severidades contra os delictos da imprensa, o que são é desusadas.

Se o pol-as em moda é habil, é politico, não temos nada com isso; os politicos que o discutam, o futuro que o decida, que nós esperamos serenamente e pachorentamente pela sua decisão. Felizmente não nos assiste apenas esse direito, temos tambem esse dever, e é gostosamente que o cumprimos.

— As preocupações dos artistas são muito menos graves, não obstante o que, julgamos, serão mais proveitosas.

Um grande numero de actividades trabalham collectivamente para que a exposição das artes retrospectivas seja digna do ruído que se tem feito com ella. Essa exposição extraordinaria annuncia-se não só como importante facto no nosso mundo artistico, mas tambem como um acontecimento no nosso paiz. Os jornaes estrangeiros fallam n'ella já: diz-se que pelo menos dois monarchas estrangeiros virão expressamente a Lisboa assistir á inauguração d'essa festa, o rei de Hespanha e o imperador do Brazil; contam-se maravilhas de muitos dos objectos que a commissão executiva tem já a certeza de poder expôr; as circulares correm todo o reino pedindo obras de arte portugueza anterior a este seculo para que a exposição seja o mais completa possível: os membros da commissão andam por debaixo do sol ardentissimo d'estes dias, e dentro das carruagens asphixiantes dos nossos comboyos, pela provincia, á caça das antiguidades artisticas, e a noticia da exposição até agora só conhecida de uma duzia de pessoas que se occupam de bellas artes na nossa terra, começou já a circular por todo o paiz como uma boa novidade, e o annuncio d'uma festa portugueza.

E ha já por toda a parte uma expectativa sympathica em que nós nos enfileiramos modestamente.

— A expedição que parte hoje á noite para a serra da Estrella é outra novidade de bom agouro iniciada no nosso paiz, outro milagre que a actividade intelligente e incansavel da sociedade de geographia conseguiu realizar.

Depois de ter feito da geographia, — uma palavra que não se encontrava em mais parte alguma senão nos programmas dos cursos dos lycées — um termo da moda, depois de ter conseguido que o salão da Trindade se enchesse de senhoras da nossa melhor sociedade para ouvirem durante duas horas fallar do Bihé, do Coango, do Cobango, dos ganguellas e de outras coisas tão divertidas como esta, depois de ter obrigado Lisboa a fazer uma ovação extraordinaria a tres homens que não voavam nos trapezios, que não enguliam azeite a ferver, que não tocavam flauta com as mãos na bocca, que não mudavam vinte vezes de fato n'um minuto, que não deitavam ao chão o mudo de Alcantara, que não tinham em summa nenhum dos titulos á estima e á admiração da capital, depois de ter conseguido tudo isto que se julgava com bom direito que seria inconsequível, depois de ter forçado os ministros da marinha a olhar para a Africa, a sociedade de geographia lembrou-se de iniciar em Portugal, essas romarias scientificas tão usadas nos paizes em que se investiga, em que se observa, em que se estuda. Todos sabem as difficuldades enormes, com que entre nós se luta para tudo, e principalmente para tudo que é inovação.

As difficuldades para esta expedição cresceram espantosamente em consequencia do seu caracter exclusivamente scientifico.

Eram necessarios instrumentos scientificos, que não se podem levar na mala, entre as camisas e os lenços d'assoar, e mil cousas indispensaveis, que amontoadas fariam uma montanha mais alta que a serra da Estrella.

Pois a sociedade de geographia venceu todas as difficuldades. Em 13 de novembro do anno passado foi a primeira vez que se fallou na expedição, e apesar de se estar em Portugal, apesar das mudanças de governo, apesar das preocupações das eleições, a sociedade de geographia arranhou tudo, organizou tudo, venceu todos os obstaculos, e hoje já parte para a serra da Estrella a expedição scientifica expedição em que se acham alliadas muitas notaveis capacidades, e muitas actividades trabalhadoras.

— Os exames que na nossa ultima chronica eram já discutidos violentemente na imprensa, n'estes dias passaram a ser discutidos mais violentemente ainda no meio da rua. Os argumentos da logica, foram substituidos pelos da bengala.

A verdadeira chronica d'essas discussões parece que será d'aqui em diante a parte de policia.

— E entretanto no meio d'estas preocupações diversas e dominantes houve pequenos desgostos na população feminina e grandes polemicas na imprensa periodica, pela falta da parada de 24 de julho, ruidosas ovações no theatro dos Recreios, com a reaparição da engraçadissima charge de Guilherme d'Azevedo, *Rosalina*, enthusiasmo dos amadores pela taurada nocturna cujo ensaio de iluminação deu que fazer ás bombas e assustou os visinhos do campo de Sant'Anna porque parecia um grande incendio, enchentes no pa-seio atrahidas pelos concertos da Fanfarrá portuense, e por fim o apparecimento d'um livro notavel d'um escriptor novo de grande talento os *Contos* do sr. Fialho de Almeida, editado pelo sr. Chardron e de que fallaremos na proxima chronica.

— Quasi no fim do mez chegou a Lisboa uma noticia lugubre que veio enlutar a familia real portugueza com um d'esses luctos, que não são meras formalidades da pragmatica, mas que pungem atrozmente no coração.

Morreu no dia 25 de julho em Londres o principe Augusto Luiz Victor de Saxe Coburgo Gotha, irmão de S. M. El-Rei D. Fernando, o illustre e estimado monarcha que tem no *Occidente* dado a honra excepcional de o ter por collaborador.

O lucto que hoje pesa sobre a familia real portugueza não é um luto de côrte, é um luto de familia. Associamo-nos sinceramente e respeitosa e a ella.

GERVASIO LOBATO.

## QUINTA E PALACIO DE MONSERRATE EM CINTRA

Cintra é por estes tempos calmosos, que ora vão correndo, um dos mais suaves refrigerios com que o Lisboa pode premunir-se contra os ardores do julho e agosto.

A canicula, — que este anno trouxe por bem obsequiar-nos com tola e causticante mordicante da zona inter-tropical, — ameaça dar cabo de nós, reduzindo-nos definitivamente á condição de torresmos, se de prompto nos não esquivarmos fuggindo d'este ambiente que nos asphyxia e nos calcina.

Fuggimos então para Cintra, fuggimos, e abriguemo-nos por lá, enquanto esta affrontosa quadra durar, — abriguemo-nos sob a verdejante copa d'aquelle arvoredor basto e copulenti-simo, por entre cujo ramaria deslisam, voluptuosamente coadas, virações vivificantes de uma frescura ineffavel.

D'entre as vivendas numerosissimas que o bom-gosto do nosso *high-life* ali tem construido, aliando com as bellezas naturaes d'aquella pittoresca paisagem e com o assombroso vigor d'aquella pululante vegetação as luxuosas sumptuosidades da arte, extremo-se pronunciadamente a denominada *Quinta de Monserrate*, — uma das mais deliciosas, das mais opulentas, das mais encantadoras por certo.

Quem de Cintra desce para Collares pode mesmo já cá de fóra apreciar um pouco o aspecto geral d'aquelle resenho paraíso, e antegostar as delicias que lá dentro desfruta quem do amavel proprietario da quinta haja logrado a competente licença para ali penetrar.

Entrando-se, fica-se extasiado, absorto, maravilhado perante o mais harmonioso conjuncto que pode imaginar-se de bellezas vegetaes.

O finissimo gosto do illustre cavalheiro que, a poder

de contos e contos de réis profusamente dispendidos n'aquelle poetico retiro, ha conseguido fazer d'elle um Eden delicioso, cou-se ao trabalho de estudar cuidadosamente palmo a palmo as condições do solo e de exposição nas diversas zonas da sua principesca propriedade, — e d'est'arte distribuir scientificamente a proceito os diversos vegetaes em harmonia com o local que melhor quadrasse a cada um.

Por esta forma obteve o sr. Francisco Cook reunir ali preciosas plantas das mais desconhecidas procedencias, algumas d'ellas rarissimas. A collecção de fetos, por exemplo, que ali se nos depara o que abrange inclusivamente suberbissimos exemplares de especies arborescentes, é, sem contradição, a mais interessante e a mais completa que existe em o nosso paiz.

Imagine agora o leitor no meio d'isto um palacio de fadas orientaes, — em que a prodigalidade não conhece limites quando se tratou de erigir n'um prompto chimericas phantasias de architectura e escultura, e quando, realizadas estas, se cuidou de adornar com os mais preciosos primores d'arte os salões e galerias d'aquella encantada mansão.

O governo portuguez, agraciando com o titulo de Visconde de Monserrate o sr. Cook prestou um justo preito ao illustrado britannico, ao generoso cavalheiro que na realização do seu devaneo artistico ha proporcionado e garantido o gaulh-pão durante annos e annos a centenares de familias.

O palacio consta de um corpo central oblongo, coroado por uma elegante cupula e flanqueado por dois pavilhões lateraes.

Representando a galeria exterior do corpo central do palacio, e o pavilhão meridional precedido pela graciosa fonte de marmore que logo á entrada nos derrama fresquidão a flux com o sonoro borbulhar de suas aguas, — as estampas, com que o *Occidente* n'este e no subsequente numero illustra estes paragraphos, visam especialmente a fazer com que o leitor lisboeta, fuggindo ao inhospito Sahara em que se transformou a capital n'estes ultimos dias, acabe por se agradecer o salutar consellio, que me approuve dar-lhe de ir espiaecer um pouquinho por entre sombras e verduras no *dolce far niente* de uma temporada em Cintra.

XAVIER DA CUNHA.

## GOMES LEAL

Um deplorable acontecimento, que muito lamentamos, veio ultimamente lancar para o meio de todas as conversações e dos debates da imprensa um nome já muito festejado no mundo litterario, mas desconhecido da grande maioria que pouco ou nada se occupa de letras, de artes e de versos entre nós.

Já n'uma das ultimas chronicas do *Occidente* narrámos a prisão do sr. Gomes Leal, como auctor do poemeto a *Traição*, e emitimos rapidamente a nossa opinião sincera sobre esse poemeto e sobre essa prisão que tanta estranheza causou no paiz, que ha muito tempo não via prender ninguém por delictos de abuso de liberdade d'imprensa.

Notámos por essa occasião um facto original, e era que ao mesmo tempo que se prendia o sr. Gomes Leal por ter escripto o poemeto a *Traição*, este poemeto se deixava vender e annunciar com a maior liberdade em todo o paiz. Esse facto original continua a dar-se, as edições da *Traição* e do *Hereje*, outro poemeto do mesmo auctor publicado depois d'elle estar no limoeiro, continuam a vender-se com grande exito de livreria, e o sr. Gomes Leal continua preso, enquanto que as suas idéas subversivas, pelas quaes elle foi preso, e vai ser processado, continuam a correr mundo, com uma velocidade enorme, em grande parte devida á prisão do seu auctor.

O sr. Gomes Leal deve portanto á sua prisão, as successivas edições dos seus dois folhetos, a popularidade que adqueriu rapidamente o seu nome.

Posta em evidencia por esses desagradaveis acontecimentos, o nome e a personalidade do sr. Gomes Leal, o *Occidente* acompanhando dia a dia os factos da vida portugueza entendeu dever dar o retrato do auctor da *Traição*, acompanhando d'uma ligeira noticia biographica o pessoal.

Gomes Leal tem-cerca de 32 annos. Nasceu em Lisboa, e desde muito novo mostrou umas insalvaveis tendencias para a litteratura, tendencias que tiveram em seu pae, o sr. Leal, um antigo e honrado empregado da Alfandega de Lisboa, um inimigo terrível, mas que nunca conseguia vencel-as.

Cresceu ainda, Gomes Leal, escrevendo versos em que havia lampejos brilhantes d'um grande talento original, e mandava-os as escondidas para os jornaes que os publicavam logo, porque eram bons, e que lhe valiam sympathias litterarias dos estranhos e longos sermões paternaes.

Por fim comprehendendo que não havia meio de vencer a vocação litteraria de seu filho, seu pae deixou-se d'isso e Gomes Leal, lançou-se resolutamente no movimento litterario moderno, tomando logo logar preeminente.

O ultimo esforço de seu pae para o afastar da litteratura foi empregal-o como escrevente no escriptorio do tabellião do sr. Scota.

A passagem do notavel poeta pelo escriptorio da rua da Magdalena, deixou um rasto de anedoctas e facecias cheias de bom humor.

No meio d'uma escriptura, Gomes Leal, que é d'uma distração, que talvez no principio estuvida como pose, chegou por fim a ser um habito da sua natureza, deixava a penna e ia-se embora.

O que elle escreveu de versos em papel sellado é inconcebível. Finalmente, um bello dia, Gomes Leal deixou d'ir ao escriptorio, e seu pae comprehendendo que era accusado insistir, Querria ser poeta? Pois que fosse poeta:

E. Gomes Leal, foi e é, e dos mais notáveis. Em todas as suas poesias ha uma grande originalidade característica e possante que o distinguem de todos os outros poetas.

O satanismo, foi a sua primeira maneira: Charles Beaudelaire endoidecia-o com as suas *Flores do mal* e elle sem o limitar servilmente, sem fazer *pastiche*, seguiu esse caminho com um talento notabilissimo.

Depois pouco a pouco, o poeta foi tomando uma individualidade propria, accentuada definitivamente, e nas *Claridades do sul*, na *Canção*, no *Ante Christo* — um grande poema inedito, na *Tecção e no Hereje* Gomes Leal denota uma notavel personalidade litteraria, que não pertence nem a esta nem áquella escola, que pertence simplesmente á escola dos grandes poetas e dos grandes talentos.

Pessoalmente Gomes Leal é um excellento rapaz, alegre, conversador original, constellando o dialogo de bons ditos inesperados, estranhos, um amigo dedicado, filho extremoso, adorando sua querida mãe, que não vê outra coisa no mundo, e tendo sempre n'alma a pungir-lhe uma grande dor, a saudade d'uma formosa irmãsinha que a morte lhe roubou ha annos, e que fôra a companheira boa, jovial e terna da sua infancia.

Quem ler as suas ultimas obras e não o conhecer, ha de julga-lo um homem rancoroso, vingativo, intratavel, cheio de odios sombrios, de azedas coleras.

Não é nada d'isso, é um rapaz que todos queriam ter por amigo, um companheiro bom, leal, divertido, cujos odios não passam das suas estrophes brilhantes, e cujas coleras estouram apenas em esplendidos alexandrinos.

Como poeta politico, como pamphletario, a ultima pluma que elle quiz dar ao seu talento, Gomes Leal é simplesmente, o que nunca ha de deixar de ser, um poeta.

O talento sobreja-lhe, um talento enorme, desigual, em que ás vezes ha o desvaivamento da loucura, e n'outras a scintilha do genio. O bom senso, falta-lhe completamente. Gomes Leal nunca ha de ser um homem pratico, nunca será — felizmente para elle — um politico — ha de ser sempre um poeta, exclusivamente um grande poeta, o que ja não é pouco, porque os politicos fervilham e os poetas rareiam, os politicos morrem na vida cheios de odios e rancores, os poetas vivem na morte rodeados de respeito e de admiracão.

G. L.

## JOSÉ ALBERTO D'OLIVEIRA ANCHIETTA

(Conclusão)

Em Lisboa para não estar ocioso foi ouvir as lições de zoologia na escola polytechnica.

Apenas fechadas as aulas foi encarregado, então officialmente, da exploração zoologica da provincia d'Angola. Casou a 14 de julho de 1866 com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia de Almeida, de uma familia distincta, e dois dias depois partiu com sua esposa para a Africa.

Julgou-se então retribuição condigna dos serviços que Anchietta ia prestar ao paiz e ao mundo scientifico o vencimento de 100\$000 mensaes. Effectivamente seria um *escandalo* vencer maior ordenado que qualquer director geral, que vae á uma hora para a repartição e sae ás tres ou quatro.

O explorador nunca pediu mais, nem menos; quem já tinha estado na Africa por duas vezes, sete annos sem vencimento ordenado, de nada se lhe importava senão da sua mania scientifica. Quando algum dos muitos estrangeiros, que o encontram e com elle se demoram lhe dizem que se admiram d'elle arriscar a sua vida por tão mesquinha recompensa, responde aborrecido que não é gallego para querer paga, e que só trabalha por amor da sciencia.

Da primeira vez que estivera em Africa fez as suas explorações no archipelago de Cabo Verde; da segunda vez explorou a região do Zaire.

D'esta ultima vez dirigiu-se a Angolla, seguindo logo para Benguella, um dos pontos mais infamados pelo clima, que ha na Africa.

Depois de algum tempo explorar aquella localidade, seguiu para a Catumbella, onde foi accommittido das febres que o iam impossibilitando para o trabalho, que elle jamais abandonou, fazendo valiosas colleções de aves e reptis. Partiu depois para Mossamedes, chegando até Porto de Pinda, sitio extremamente pantanoso, e de reputação pouco animadora. Effectivamente ahí foi de novo atacado das febres, e tendo ensaiado varios methodos therapeuticos, resolveu-se, contra a opinião dos facultativos d'Angolla, a curar-se com leite, do qual colheu optimo resultado.

Explorada aquella localidade voltou de novo a Mossamedes, seguiu para Campangombe,

onde reuniu uma valiosa colleção de mamíferos, aves e reptis, dos quaes algumas especies completamente desconhecidas.

N'estas primeiras excursões foi acompanhado por sua esposa que na realidade, educada na capital, devia achar pouco agradável aquella vida nomada, cercada de pretos e de animaes de toda a especie, alguns perigosos, por meio dos sertões desconversaveis, muitas vezes sem as coisas mais necessarias á vida, tendo que se sustentar a farinha de pau, e graças quando o leite e o mel não faltam. As febres porém accommetteram-na uma, duas, muitas vezes e em diversos sitios, enfim desenganados de que á sua organização não era propicio o clima de Africa, tiveram que separar-se e ella deixar seu marido, regressando á metropole, elle privado da sua companhia e cuidados ha cerca de treze annos.

### VI

Tornou Anchietta desde então a viver como que solitario. Explorou o rio Gimbo, rico de macacos, mas cujas especies bem conhecidas lhe não mereceram muita attenção.

D'ahi seguiu para o Macanje, encaminhando-se depois á Biballa, e passados tempos á Huilla, donde formou outra grande colleção de aves. Ahí alcançou dois famosos leões, que, apesar de muito conhecidos, faria enviar ao museu, mas nem havia caixas para os guardar, nem quem as fizesse.

Fez tambem a exploração do Humbe e teve a audacia de se dirigir aos Gambos. O seu nome, porém, que é venerado entre a maior parte do sertão, não lhe foi sufficiente garantia. Aquelle gentio pouco tratavel e assaz barbaro andava em guerra, e Anchietta teve que fugir d'ahi debaixo de fogo, com muito risco da sua vida, da sua pequena escolta, e das suas valiosas colleções.

Durante a sua residencia em Africa tem, além dos pontos que já indicámos, explorado mais os districtos do Golungo Alto, Ambaca, Calenje, Bihé, Ambriz, Lagoa dos cavallos marinhos, Quillengues e Caconda, ponto onde foi encontrado pelos exploradores Capello, Ivens, e Serpa Pinto, cujas viagens se deverão ler, para se fazer melhor juizo d'este nosso grande explorador.

Em toda a parte trabalha sem cessar; ora caçando, ora preparando os exemplares que pôde colher, ora classificando-os, marcando-os, catalogando-os, empacotando-os, encaixotando-os, out'ora tomando variados apontamentos de toda a especie, para os consignar nos seus relatorios preciosos, que aliás o paiz não conhece. Quantas vezes não tem tido que passar horas e dias a pensar, a estudar, a idear novos processos para conservar as pelles dos animaes, tornando-se os seus esforços quasi nullos em certas localidades?

E quantas vezes tem tido que abandonar o seu trabalho para correr d'alli a muitas leguas a acudir a algum doente? Assim succedeu em 1868. Achando-se em Mossamedes gravemente doente o dr. Faro e não confiando senão em Anchietta, foi-se chamar este ao sertão. Apesar de lhe custar abandonar o seu trabalho, veio. Conseguiu salvar o amigo. Então os moradores dirigiram á camara municipal um requerimento para elle ceder e tratar tambem o geral do povo. Apesar de contrariado não teve remedio senão aceitar aquella espinhosa tarefa, que o desviava dos seus trabalhos queridos. Logo que poude continou estes com o mesmo ardor, e com o mesmo persevera ainda hoje n'elles.

Se Anchietta escrevesse um livro, que se intitulasse — *Como tenho vivido em Africa*, — que interesse e sentimento não despertaria a sua leitura!

Ha algum tempo o governo, a requerimento da esposa de Anchietta, elevou-lhe o vencimento annual a 1:800\$000 réis, o que é bem parca retribuição para os importantes e custosos trabalhos de Anchietta.

Na Escola Polytechnica, onde tem sido recolhidas todas as colleções enviadas por Anchietta, compostas de grande numero de va-

riadas especies, centennares d'ellas desconhecidas, estão os ex.<sup>mas</sup> srs. drs. Bocage e conde de Ficalho preparando os catalogos para serem brevemente publicados. Quando o forem, e d'elles então nos occuparemos, conhecerá o mundo scientifico os grandes serviços prestados á sciencia e ao paiz por este seu illustre filho, cujo futuro será a necessidade se a nação o não recompensar condignamente.

Foi grande o arrojo de Serpa Pinto atravessando a Africa, são importantissimos os serviços de Capello e Ivens n'aquella parte que exploraram não são inferiores os de Anchietta; aquelles, porém, não chegaram a viver na Africa tres annos, Anchietta tem consumido n'ella vinte e dois annos da sua vida, e quem sabe se a o consumirá toda.

BRITO REBELLO.

## EGREJA DE S. FRANCISCO DE TAVIRA

No ponto mais elevado da cidade de Tavira, junto e fóra da sua antiga cerca, em sitio aprazível e desafogado, está situado o que foi antigamente convento de S. Francisco de Tavira.

Da epoca da sua fundação e dos seus primeiros fundadores, nada se sabe com certeza, naddando os chronistas n'um mar de duvidas. E' certo, porém, que tendo sido conquistada Tavira em 1250, e ficando o dominio do Algarve de todo na posse dos christãos em 1252, só depois d'estas datas poderia ali ser fundado qualquer cenobio.

Não concordam os historiadores tambem sobre os seus fundadores, mas Lucas Wadding, nos seus *Annales minorum*, diz que é obra dos Templarios, o que vae de accordo com as tradições locais, e não deixa de ser esta asserção racional, por isso que era muito natural estabelecerem-se nas conquistas, em primeiro lugar as ordens militares. A vastidão do edificio, e nomeadamente da sua igreja, tambem está denunciando um braço poderoso, como o era então aquella ordem.

Quando em 1272 se dividiu em duas, Coimbra e Lisboa, a custodia de Portugal, ainda se não acha esta casa mencionada, mas quando em 1330 a custodia de Lisboa se subdividiu em outras duas, Lisbon e Evora, já se fez menção d'ella. Deve, pois, ter sido a sua fundação entre 1272 e 1330.

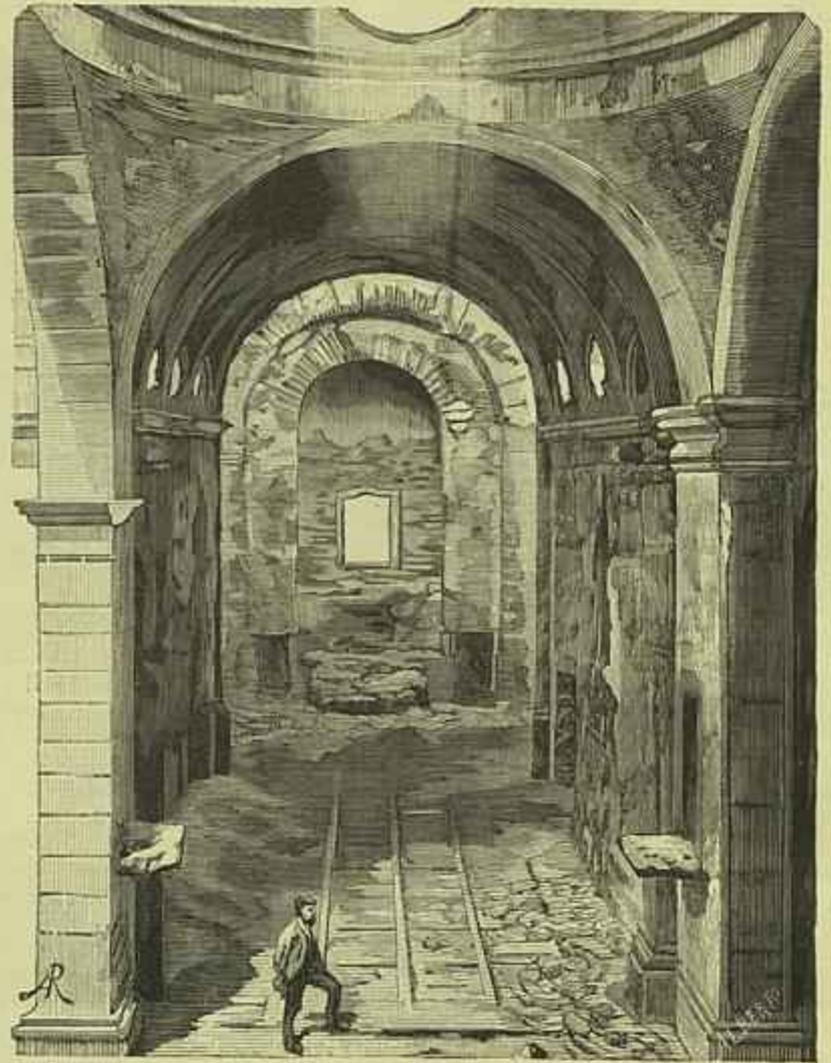
Em 1311 foi extinta a ordem dos Templarios, e é natural que, ou então, se já estava erecto, ou depois se constituiu n'ella casa de claustraes.

Em 1317 o papa Leão X, por instancia de D. Manuel, por breve de 15 de junho, o reduziu á observancia. Houve alguma resistencia da parte do ultimo superior, mas em vista da energia do poder civil, finalmente foram cumpridas as letras apostolicas e ordens d'el-rei.

Compunha-se o convento de casa propria, com seu largo e espaçoso claustro, e de uma grande igreja em forma de cruz, grandeza e forma que attestava não só a sua ancianidade, mas o poder de quem o fundara. Achava-se a porta principal da igreja voltada ao occidente. A capella mór, no lado opposto, tinha ainda em 1739 nos bocéis dos seus artezões as quinas portuguezas e a esphera, divisa de D. Manuel, que, ou ali as mandára collocar em 1517, quando reformou a casa, segundo diz uma noticia do presidente n'aquella data, o padre frei João da Luz, ou talvez melhor porque a mandasse reconstruir.

Compunha-se a capella-mór, grande e abobadada, de um altar central tendo ao meio da tribuna a imagem da Senhora da Conceição, que fôra trazida de Tanger por Antonio Correia da França, formando lhe irmandade de gente nobre; á direita estava a de S. Domingos (onde primeiramente estivera a de S. Francisco), á esquerda a d'este (onde estivera a de S. João Baptista). O orago da casa era a Ascensão do Senhor.

O altar collateral direito era da Senhora da Graça com confraria, e alli além da imagem d'aquella Senhora, estavam as de S. João



e S. Diogo. No collateral esquerdo havia a imagem de Nossa Senhora do Rosario, collocada sobre a arvore de Jessé.

No lado direito da capella-mór era a capella de Nossa Senhora da Conceição, chamada vulgarmente de Santa Anna, pela imagem d'esta que alli estava, instituida por Francisco da Costa e sua mulher D. Francisca Barreto, cujo padroado passou, por herança, para a casa dos Sousas do Calhariz (Palmella).

No lado esquerdo era a de S. Gregorio fundada por Martinho da Cunha de Mello.

No topo do cruzeiro e d'este lado estava a capella de Santa Barbara; no outro topo fronteiro a rica capella dos Terceiros, de que a nossa estampa de pag. 172 representa parte.

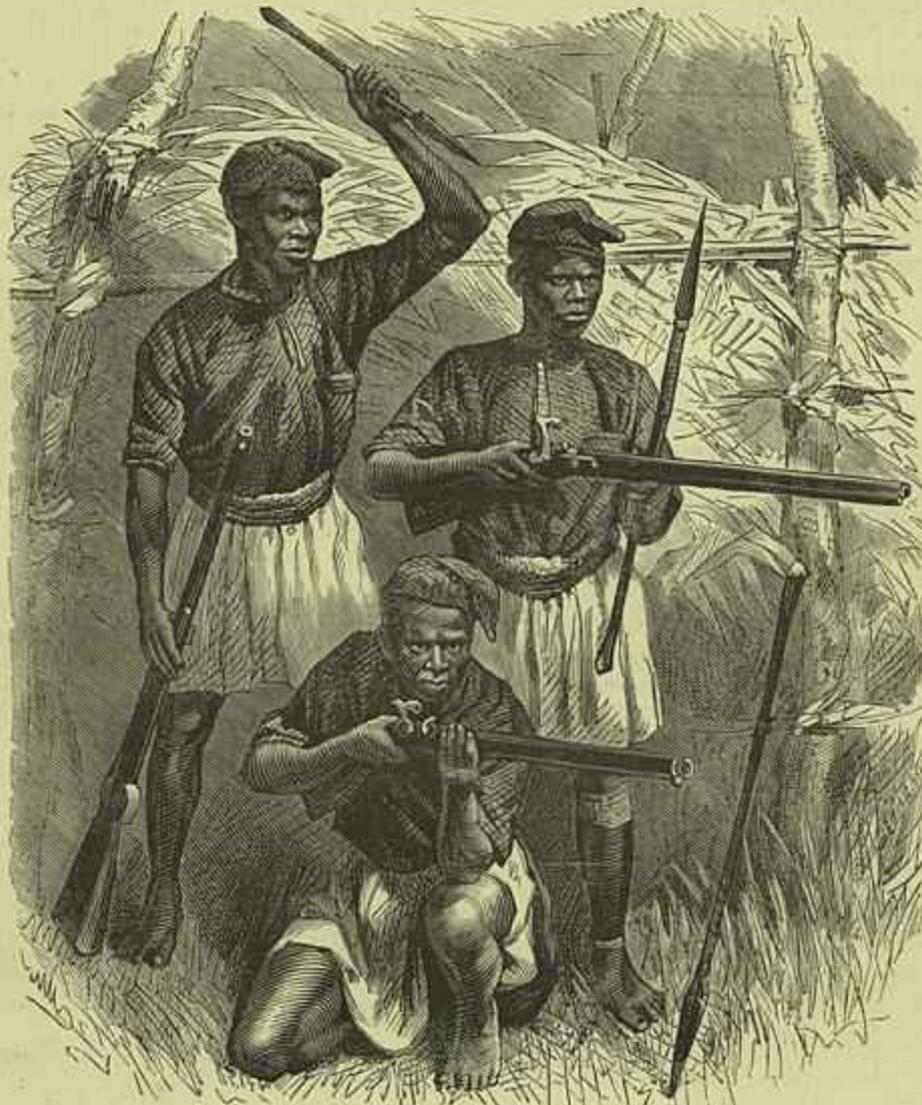
Descendo do cruzeiro e d'este lado estava primeiro a capella de Santo Antonio, com sua irmandade; seguia-se-lhe a de S. Gonçalo de Amarante, instituida por D. Guiomar Viegas; abaixo d'esta a de Santo André instituida por Mór Gonçalves em 1600; em seguida a que foi instituida por Lopo de Mello e sua mulher D. Isabel de Brito ou Briteiros, que ali tinham sua sepultura, teve primeiro a invocação de Nossa Senhora do Rosario, depois da Visitação, tendo havido alli tambem a imagem da Magdalena. Consta da escriptura ter sido ali a porta da igreja. Emfim a ultima d'esse lado, proximo da porta, era a do SS. Coração de Jesus, que fora do Espirito Santo, e instituida por Domingos Fernandes Drago.

Fronteira a esta, no outro lado da igreja, era a de Nossa Senhora da Luz; a que se seguia, a de Nossa Senhora da Piedade, instituida por D. Brites de Mendonça, africana, mulher de Lourenço de Mello da Cunha; após esta, subindo sempre a igreja, estava a do Horto, instituida por Diogo Gonçalves Peroleiro, e ainda outras que a nossa noticia não individua.

Na capella do Coração de Jesus havia um retabulo primoroso, e no meio da

EGREJA DE S. FRANCISCO EM TAVIRA INCENDIADA POR UM RAIOS EM 30 DE MARÇO DE 1881:  
FRAGMENTO DA CAPELLA-MÓR ANTES DO INCENDIO — ASPECTO DA CAPELLA-MÓR DEPOIS DO INCENDIO  
(Segundo uma photographia)

#### AFRICA PORTUGUEZA



CAÇADORES DE INHAMBANE — (Segundo uma photographia)

tribuna, na parte superior, dentro em um nicho, uma custodia sustentando o coração de Christo com uma reliquia do santo lenho; em veneração a ella via-se um seraphim com seis azas que occultava ou manifestava graciosamente nas funcções da confraria. Esta capella encerrava muitas outras curiosidades.

Pelos annos 1840 caiu a igreja e convento, causando grande panico em Tavira. Desde então o corpo da igreja passou a servir de cemiterio, na capella-mór abriu-se a porta, onde era o altar-mór, e a capella-mór passou a estabelecer-se na riquissima capella dos Terceiros, que um raio incendiou em 30 de março d'este anno, ficando no estado que a outra gravura representa.

(Continua)

R.

#### OS CAÇADORES DE INHAMBANE

A sublevação do rebelde sargento-mór de Massangano Antonio Vicente da Cruz, vulgarmente conhecido pelo seu nome cafreal de *Bonga* ou gato bravo, desvelou durante muitos annos as attentões e cuidados dos governadores da Provincia e do governo da Metropole.

Desde 1867 em que pela primeira vez aquelle potentado ousou insurgir-se contra a auctoridade do governador de Tete, até 1875 em que o major Carlos Pedro Barahona e Costa conseguiu leva-lo a submeter-se, tinham sido organisadas contra a aringa do rebelde quatro expedições militares. A primeira em 1867 commandada pelo governador de Tete o tenente Gouvêa,

só com os diminutos recursos do districto; a segunda em 1868 commandada pelo infeliz tenente coronel Guilherme de Portugal, e composta dos corpos de infantaria n.º 1 e de Zuavos Reses de Moçambique, e de forças indígenas auxiliares; a terceira commandada pelo tenente coronel Queiroz, e a ultima finalmente em 1869 commandada pelo tenente coronel Antonio Tavares d'Almeida, e composta do batalhão de caçadores da Zambezia, de um batalhão expedicionario do India, e de uma bateria de artilheria.

O infeliz exito de todas estas expedições é bastante conhecido do publico, e por isso não é necessario referir o aqui, nem investigar as causas especiaes e diversas que levaram ao mallogro de tão custosos esforços. Foram sacrificadas muitas vidas, despenderam-se muitos centos de contos de réis, e, o que peor é, abalou-se consideravelmente o prestigio do nome portuguez n'aquellas regiões, paralyando-se durante longos annos o commercio da Zambezia e a sua prosperidade.

Em 1870 depois do mau resultado da ultima expedição, e da morte do benemerito governador geral Fernando da Costa Leal, foi convidado a governar a provincia de Moçambique o então governador de Angola, o illustrado general José Rodrigues Coelho do Amaral, o qual no anno seguinte chegava ao seu destino na corveta *Infante D. Henrique*.

O sr. Amaral ia a Moçambique com o fim especial de resolver a questão da pacificação da Zambezia, sendo postos para isso á sua disposição, além dos restos das forças empregadas na anterior expedição, os dois magnificos pequenos vapores *Tete* e *Sena* commandados pelos dois briosos e valentes officiaes da armada Ferreira do Amaral e Fonseca Vaz.

O governador Amaral tencionava empregar por terra contra a aringa do Bonga forças indígenas irregulares dos regulos do districto de Inhambane, e as forças europeas de caçadores e de artilheria com o batalhão da India, apoiadas



ANTONIO DUARTE GOMES LEAL

(Segundo uma photographia)

na efficaz flotilha que do rio bombardearia as posições do inimigo e lhes abria caminho.

Para isso foi s. ex.ª valiosamente coadjuvado pelo sr. João Loforte feito para esse fim coronel honorario, e que em Inhambane desempenhava as importantes funções de commandante das terras da Corôa. O sr. Loforte, que ao profundo conhecimento que tem das linguas e usos cafreos, resultado de uma longa residencia n'aquellas terras, reúne uma grande valentia de animo e ousada intelligencia, usou da sua extraordinaria influencia sobre os regulos avassallados, e conseguiu armar, disciplinar e tornar aptos para uma campanha d'aquella ordem, uma seis mil pretos caçadores, todos escolhidos.

A nossa gravura representa um grupo d'esses guerreiros irregulares com o uniforme simples mas commodo com que elles se apresentaram em uma explendida revista que pelo governador geral lhes foi passada nas terras da Mariche defronte de Inhambane em 1872.

Infelizmente a morte que a 13 de Dezembro de 1873 arrebatou o sr. Amaral aos seus projectos, veiu pôr um vergulhoso ponto final nas tentativas de se submeter pela força das armas o rebelde Antonio Vicente da Cruz, dissolvendo-se em seguida, depois de desarmado, o contingente irregular indigena de Inhambane.

Hoje está felizmente pacificada a Zambezia, e o commercio vae-se desenvolvendo todos os dias sob o influxo de empreendimentos agricolas fecundissimos.

AUGUSTO DE CASTILHO.

## A INSURREIÇÃO NA ALGERIA

Os recentes acontecimentos da provincia d'Oran tem chamado para a Algeria as attentões da Europa. Aquella guerra terrivel, chamada guerra santa, contra os europeus, derigida por Bou-Amena, um personagem perfeitamente phantas-



INSURREIÇÃO NA ALGERIA — MATANÇA DOS ESPARTEIROS HESPAÑOES EM ORAN

tico, tem todos os horrores e todo o maravilhoso das grandes luctas fabulosas das lendas orientaes.

Historiemos rapidamente essa insurreição monstruosa, que tem sido acompanhada de tantos horrores selvagens.

Enquanto a França preparava a sua expedição à Tunísia, conspirava-se a insurreição contra os francezes, na própria Tunísia, em casa d'um dos mokkadem de Siel-Madhi, o chefe dos Senoussin, uma das mais poderosas congregações religiosas da Algeria do sul.

D'ali a pouco um marabout, cujo nome hoje é tristemente celebre e sangrentamente lendario, Si-Bou-Amena levantava, no sudoeste, na região chamada o pequeno deserto, uma parte da tribo dos Alrar-Cheragas pré-gando a guerra santa. Juntamente com os Alrar Cheragas, os Hamyans e todos os Terafis, e outras tribus nomadas, pegaram em armas á voz de Bou-Amena, e quando o commandante Wembrenner se apresentou no acampamento de Djerrauma para prender um dos Mokkadem conhecido como chefe de rebellião, e incitador á revolta, a população indigena tomou o partido do insurreccionado, e apesar dos esforços de Caïd, assassinou o commandante Wembrenner e toda a sua escolta.

Este assassinato foi o signal para o completo rompimento das hostilidades.

Tão depressa se soube d'esse attentado, e ao passo que as tribus revoltadas cercavam Geryville, o posto mais avançado do governo francez n'aquella região, o general Cerez, commandante da sub-divisão militar, de accordo com o general Osmond, formou uma forte columna, para, sob o commando do general Collignon, ir reforçar as guarnições do sul da Algeria. Esse reforço chegou a Geryville em 12 de maio ultimo, e tomando informações sob a posição do inimigo, soube que em Djebel Bahran estavam numerosos contingentes dos insurreccionados. O coronel Innocenti partiu logo com uma força expallionaria na direcção de Chellala, mas foi surpreendido por Bou-Amena no desfiladeiro de Moïlok — um caminho de dois kilometros, afogado entre montanhas impraticaveis — que com quatro ou cinco mil homens, se arremessou valentemente contra as tropas francezas. Os francezes resistiram ao assalto, travou-se uma lucta medonha de corpo a corpo, e o coronel Innocenti conseguiu voltar victorioso para Geryville, mas muito mal tratado, e tendo deixado no campo alguns mortos, e trazendo muitos feridos.

Então começaram na Algeria essas corridas phantasticas de Bou-Amena e dos seus, corridas de 200 leguas, em que os insurgentes lançavam por toda a parte a ruína, a morte, o horror, a desolação, desaparecendo rapidamente, impalpaveis, como cavalheiros de lenda, fugindo para as suas montanhas, e não sendo possível aos francezes agarral-os. N'uma d'essas corridas, Bou-Amena cahiu com os seus terríveis sectarios em Saïda, e devastou as estancias do Esparto, matando, queimando, roubando tudo na sua passagem.

Foi nos dias 11 e 12 do junho que se deu este assalto monstruoso, em que 1:400 homens, mulheres e crianças, foram assassinados, torturados, queimados, roubados por Bou-Amena e a sua gente.

Esta população de pacíficos trabalhadores, na maioria hespanhoes, estava perfeitamente desprevenida, quando se viu assaltada pelo terrível inimigo, em numero consideravel. Os homens lançaram mãos das suas facas, das suas espingardas, para se defenderem. Houve uma lucta medonha mas de pouca duração. Os marabouts eram em muito maior numero, os trabalhadores foram assassinados, as mulheres despidas, ultrajadas e depois queimadas nos carros já carregados de lenha, as creanças feitas em pedaços, em summa, um quadro horrível que a penna se recusa a descrever, e de que a nossa gravura de hoje dará uma pallida idéa nos nossos leitores.

A revolta da Algeria estava de lá muito preparada por uma grande agitação religiosa; e mais cedo ou mais tarde devia rebentar fatalmente. Foi-a rebentar mais cedo um facto terrível — a fome.

Não se imagina facilmente a situação em que a colonisação franceza pôe os desgraçados arabes — pôe os a morrer do fome.

Quando elles se revoltam o governo francez é talvez muito prompto em perdoar. E verdade que o contrario seria difficil. A população europea é de cerca de 300 mil almas, e a indigena de tres milhões, isto é um colono para cem arabes.

Quando elles se não revoltam, os europens fazem-os morrer á fome.

Na revolta actual ha dois elementos poderosos, a guerra santa, levantada pelo marabout Bou-Amena ou Bou-Amiana, que se diz enviado de Deus, e da fome.

E por isso vê-se que em todos os encontros, em todas as escaramussas o que os insurgentes querem de preferencia, o alvo para assim dizer das suas operações, é apressarem-se dos mantimentos, os rebeldes batem-se ainda muito mais pela fome que pela religião.

A insurreição está portanto circumscripita a algumas tribus apenas, mais fanaticas e sobretudo mais esfimadas. Desenvolver-se-ha e será uma guerra geral? Pôde ser, primeiro porque o fanatismo a sopra, e depois porque o governador francez tem feito grandes imprudencias como por exemplo, a expulsão das suas casas, da tribo dos Bezalna, que não faziam mal nenhum, que eram fieis vassallos da França e que podem de repente tornar-se perigosos para ella, se ella não ouvir as suas propostas que apenas reclamam o que é um direito para todos, a vida.

B.

esta circumstancia é ao seu melindre de tomar para si o tempo que era necessario empregar nas discussões dos pontos importantes submettidos á consideração do congresso, e na leitura de memorias d'stranhos, o não ter lido a sua Memoria, que apresentou e de que vamos tratar.

O sr. Vasconcellos Abreu desde a criação da cadeira de sâoskrito, criação do illustre aporiano o duque d'Avila e de Bolama tem publicado sobre o ramo a que se dedicou: em 1878 — *Investigações sobre o caracter da civilização arya-hindu — Importancia capital do sâoskrito como base da glottologia arya na ensino superior das lettras e da historia — Sobre a sede originaria da gente arya e desenvolvimento da lingua arya em o Hindostão — O reconhecimento de Chakuntã — impressão specimem do acto 1.º do celebre drama de Kalidassa, traduzido literalmente do sâoskrito segundo a recensão bengali; este primor typographico meteteo os gabos dos sabios da Europa, assim como seu auctor pela exactidão da versão; em 1879 — *Principios elementares da grammatica da lingua sâoskrita — 1.ª parte phonologica. Contribuições mythologicas a propósito das notas mythologicas do sr. F. Adolpho Cocho. ou As civilizações antigas ou do Oriente e as modernas ou do Occidente; em 1880, por occasião do centenario de Camões, um trabalho que o Athenaeu de Londres classificou com muito elogio de scientifico e original no modo porque n'elle eram interpretadas as lendas budhicas e se intitula *Fragmentos d'uma tentatva de estudo sciencífico da epopea portugueza; em 1881 — Notas para o historia do budhismo de que está publicado o 1.º estolo. — Conjecturas sobre analogias entre o budhismo e philosophia grega a que se hão de seguir outros, entre os quaes o que vamos resumir.***

Está a imprimir-se, e já vimos algumas folhas, o 1.º volume do *Curso de litteratura e lingua sâoskritica classica e védica*, — 1.º volume *Manual para o estudo sâoskritico classico* (resumo grammatical, chrestomatia e vocabulario) do qual a 1.ª parte vai ser enviada ao congresso de Berlim, sendo o 1.º volume justamente offerecido á memoria do duque d'Avila e de Bolama.

O trabalho que o sr. Vasconcellos Abreu apresentou ao Congresso, e não pôde ser lido, intitula-se *Acerca da origem provavel dos Tukhâras e suas migrações pela Asia*. Esta Memoria é dividida em sete paragrafos. No 1.º o problema enuncia-se este: O barão de Richthofen no seu bello livro *China sustenta*, de pagina 439 a 441 do 1.º volume, que os Tukhâras e os Yue-tchi são um só povo, oriundo das proximidades do Khotan, no Tibet, os quaes separados da outra parte dos Yue-tchi emigraram da sua patria primitiva, e atravessando o Tian-san vieram cair sobre o imperio grego da Bactriana, destruindo-o; e identifica estes povos invasores nos Tokhâros de Strabão O auctor da Memoria contesta que os Tukhâras sejam o mesmo povo que os Yue-tchi, chegando á conclusão de que os Tukhâras, provavelmente de raça arya, e da Europa ou Asia-menor são distinctos dos Yue-tchi tibetanos.

No 2.º § que se intitula *Argumentos do sr. barão de Richthofen* indica-se que este escriptor vendo que o nome — *tu-ho-ô* — em chinês é o correspondente phonologico do sâoskrito *tukhâra*, e que este o é do nome grego, identifica os Tukhâras da região do Ferghâna nos Yue-tchi, porque em o Ferghâna, no paiz do Tâkharistão (do arabe *tâkhar*) existia a cidade de Yue-tchi-fu, depois que os Yue-tchi ali entraram e os imperadores Tang, em 650 tentaram introduzir a sua organização civil no Turân, pelo facto de se encontrar no Tibet a sede originaria dos Yue-tchi e haver tradição de ali ter existido o reino ou cidade *Tu-ho-ô*, e de mais tarde o peregrino chinês *Huan-Thsang* (no vi.º seculo depois de Christo) falar de um povo *Tu-ho-ô* onde os Yue-tchi penetraram invalidando a Bactria grega, conclue, seguindo a opinião já emitida pelo coronel Yule pela synonymia dos dois nomes *Yue-tchi* e *Tu-ho-ô*. E notando a disparidade phonologica, defende a synonymia pelo seguinte facto: Ao tempo da dynastia Han os chinezes davam a diferentes povos nomes inteiramente chinezes, ao passo que mais tarde substituíram esses nomes por outros que eram os d'esses povos acomodados á pronunção chineza. O auctor da Memoria diz que no tempo dos Tang se dêra á capital do paiz Tukhâra na região do *Oas* o nome de *Yue-tchi-fu*, porque esta denunciação do *Yue-tchi* affirmava os direitos de conquista, exaltando a gloria chineza.

Richthofen diz que tendo os Tukhâras da litteratura hindu levado ao rei *Pândava*, na India, pelles, ferro e seda, os productos característicos dos *Séras*, e teude homens de cabellos louros e o lhos azues o dominio do estrada commercial do lado do Occidente, os Tukhâras deviam ter o dominio exclusivo e unicamente do caminho que leva da lacia do *Taryu* até *Ladac*. E como tivesse hypotheticamente identificado os Tukhâras com os *Yule-tch*, vê n'aquelles um povo que não podia ter vindo á India, caminhando do Occidente e do lado do *Yaxartes*. Richthofen estabeleceu estes argumentos apoiando-se em factos de tres ordens: enquanto á religião budhica, enquanto á posição geographica, e enquanto á filiação ethnologica; o auctor da Memoria contesta-os seguindo a mesma ordem.

No 3.º § — *Uma tradição budhica*, diz o auctor da Memoria que, sendo sabido por um texto budhico existir na India a tradição de que nas montanhas do norte, onde corre o rio *Sidâ*, havia dez mil sacerdotes que alli viviam de tempos antigos, e chegando a determinar o auctor que o *Sidâ* é um rio da região entre o *Oas* e o *Yaxartes*, conclue o facto de relações entre a patria do budhismo e aquella região. O budhismo penetrou cedo na China, isto é no iii seculo antes de Christo; ao occidente do *Pamir* chegou a doutrina de *Buddha* talvez mais tarde; é certo que existia ao norte da *Perua* antes do ii seculo precedente á nossa era, e a aceitar-se a opinião de Haug, o distincto orientalista, que em Munich foi mestre do auctor, que marca o iv seculo antes de Christo como data do texto avestico, onde se encontra o

nome de *Gautamâ (Buddha)*, o budhismo existiria já na Bactriana tres seculos e meio pelo menos antes de Christo. Com estes argumentos conclue o auctor da Memoria que não ha necessidade de attribuir o budhismo do *Tâkharistão* aos *Yue tchi*, os quaes alli chegaram em data muito posterior á que é manifestada pela tradição e textos indhicos e pela tradição e textos avesticos.

O 4.º § — intitula-se — *Encontro dos Yue-tchi com os Tukhâras*. Julga n'este § o auctor demonstrar que os Tukhâras estavam já no *Tâkharistão* quando este paiz foi invadido pelos *Yue-tchi*. Os seus argumentos são em resumo os seguintes. Não se conhece o nome dos *Yue-tchi* no Occidente senão cerca de quarenta e tres a cento e vinte oito annos antes da era vulgar, e até no Oriente nada ha de positivo acerca d'elles senão a partir do anno 157. Dos *Tukhâras* ha conhecimento na Asia central setecentos annos antes de Christo, como se conhece da inscrição cuneiforme que relata a quinta campanha do Sennakherib, e foram conhecidos no Egypto no tempo de Ramsés iii no xiii seculo antes de Christo.

A ser pois certo que os *Tukhâras* das inscrições assyricas, as das inscrições e pinturas murais egypticas, e as da litteratura sâoskritica são um e o mesmo povo em diferentes epochas e lugares, a theoria de Richthofen e já antes as ideas de Yule ficariam completamente invalidadas. Para isto apresenta o auctor da Memoria os argumentos seguintes: 1.º, que os *Tukhâras* batidos por Sennakherib fugiram para o nordeste e se refugiaram nas montanhas ao Oriente do *Ferghâna*, vindo assim a ter em seu poder o caminho que da banda do Occidente conduz á *Séria*; 2.º, que adeante dos *Tukhâras*, batidos pelo rei assyrico, fugiram outros povos á crueldade do inimigo common; eram estes os *Dahae*, que occuparam todo o territorio desde o Caucaso até ao golfo persico, e depois de se terem retirado áquellas perseguções, foram acoutar-se nas montanhas ao oriente do mar Caspio. 3.º, quinhentos annos depois d'estes factos os *Yue-tchi*, seguindo a direcção do *systema do Tian-san*, na direcção do Occidente, reclassaram contra o mar Caspio os *Dahae*, como Richthofen confessa. Os *Tukhâras* nas montanhas do *Ferghâna* estavam ao abrigo d'esta invasão, e mais tarde com a descida dos *Yue-tchi* na direcção do *Hindostão* penetraram com elles na India, onde anteriormente já teriam ido. A ultima emigração, confundidos *Yue-tchis* e *Tukhâras*, se deve talvez a origem dos *Djatas* do noroeste da India.

Com estes argumentos pôde talvez demonstrar-se que os *Tukhâras* assyricos, os do *Ferghâna* e os que levaram os presentes ao rei *Pândava*, eram um só povo.

Reunimos os §§ 5.º e 7.º — *Os Tukhâras não são Tibetanos, e Os oranyanos e Tukhâras*, onde o auctor julga provar que os das inscrições assyricas são os mesmos que os das inscrições e pinturas murais egypticas.

D'estas ultimas inscrições e pinturas vê-se que o typo dos *Tukhâras* era o de uma raça branca, e segundo auctoridades competentes, de feição notavel e distincta entre os asiaticos, a ponto de alguns egyptologos os julgarem da familia arya ou indo-germanica. A serie de argumentos que o auctor da Memoria apresenta é já de si tão consistenciada, que difficil se torna resumil-a mais. Segundo alguns dos mais modernos trabalhos em egyptologia, conclue o auctor que os *Tukhâras* das inscrições egypticas são os *Taucros*, os quaes foram sempre um povo errante, que nunca constituiu nação e cujo movimento migratorio foi notavel nas margens orientaes mediterraneas, mas principalmente por terra dentro, na Asia-menor, seguindo o sul do mar Caspio.

E n'estas paragens que, segundo a auctoridade de Strabão, Cleero e Justino, se encontra um costume singular, e que entre nenhum povo existe, senão quando até elle chegou o unagismo, como nos o conhecemos pelos livros e doutrinas avesticas. Este costume é o de deixar os cadaveres insepultos, e as aves de rapina, as fêras, e principalmente cães para isso educados, fazerem desaparecer os mortos. Alexandre Magno encontrou lugares na Bactria, onde se depositavam os mortos, como em um cemiterio em que não se enterrassem e donde homens, encarregados d'esse mister, conduziãr cães indistriados affim de consumirem os cadaveres. Factos tão singulares não são usos persas. Barro foi enterrado, e o enterrado é o maior sacrilegio contra a religião avestica.

Caminhando-se mais ao oriente encontra-se aquella mesmo costume, e aquella mesma veneração pelo cão, de que nos fala o *Avesta*, no *Tibet*.

Se tirar-mos uma linha geographica, para unir os pontos da Asia em que este singular costume se encontra desde remota antiguidade, vemos que essa linha marca o trajecto que seguiram os *Tukhâras* desde o *Mediterraneo* até ao *Tibet*.

A estes argumentos dão ainda força outros do que omitimos a maior parte, por indolo d'este trabalho; mencionaremos apenas o seguinte: Os assyriologos não encontram elemento ethnico arya na *Armenia*, senão a partir do viii seculo antes de Christo. Este elemento era oranyano, e é pelo que parece um resultado do movimento que fez ir para a *Media* os *Arya-medes* e para a *Susiana* os *Arya persas*. Foi depois d'isto que os *Tukhâras* vivendo como aguias nos cumos altissimos das montanhas de *Nipur* emigraram para o norte, batidos por Sennakherib.

D'este modo parece ter o auctor demonstrado que os *Tukhâras*, conhecidos 1:300 annos antes de Christo no Egypto, 700 annos antes d'esta era na *Media*, são os mesmos da litteratura sâoskritica. E fica mais expallido o facto dos *Séras* de olhos azues e cabellos louros de que fala Richias, que tinham sob seu dominio o caminho que levava do Occidente á *Séria*, poderem ser *Tukhâras*.

Passámos de proposito o § 6.º — *A translocação ethnica pela bacia do Taryu*, — no qual o auctor demonstra com argumentos tirados do Richthofen que era possível os *Tukhâras* da litteratura hindu, virem, como Lassen tinha julgado, das bandas do *Yaxartes* até *Khotam* e *Ladac*.

## CONGRESSOS ANTHROPOLOGICO E LITTERARIO

### TRABALHOS DOS CONGRESSOS

Um dos secretarios do congresso por parte de Portugal foi o sr. Guilherme de Vasconcellos Abreu, professor de sâoskrito no Curso superior de lettras. Deve-se a

Ao terminar a sua memoria, cuja communicacão agradecei ao sr. Vasconcellos Abreu, que quiz ter alem d'isso o trabalho de nos, mais que, auxiliar n'este resumo, concitue este illustre professor pelas seguintes palavras:

«Ha povos que são como o plasma que transporta os globulos sanguineos, e como os reóteros que conduzem a corrente electrica; assim são elles os que transportam as civilisações que sem o seu concurso ficariam isoladas e condensadas inutilmente. Os *Tekhras* são como que electrodos, o caminho por onde passa a electricidade da civilisação condensada nos grandes centros do Egypto, da Asia-menor, da Assyria e da India.»

(Continúa.)

R.

## UMA RECORDAÇÃO DE NOSSOS PAES

Despontava a aurora. Dei alguns passos agitados, de um para outro lado. A religião de meus paes antepunha-se á resolução a que me levava o desespero. Corri a mão pela testa banhada em suor frio, e sentei-me de novo... De subito perdi a razão; pelos olhos passou-me como que uma nuvem de sangue: — «Pobres irmãs, que não me tornareis a vêr. Meu Deus, perdoae ao maior dos peccadores!» Machinalmente despi a farda, e quando buscava atirar-me ás aguas, fui seguro por um braço vigoroso. Voltei-me. Um homem entrado em annos, de physionomia aberta e attraente, com o rosto enquadado em duas longas madeixas de cabellos alvissimos, contemplou-me compassivamente.

— Que tenta fazer, desgraçado?

— Perdão, sou muito desditoso.

— Não pude balbuciar outras palavras.

— Quer acompanhar-me?

Travou-me do braço e convidou-me a acompanhá-lo. O desalento e a vergonha tiraram-me todo o poder da existencia. Era um miseravel e a alma magnanima d'este desconhecido mais me fez sentir a grandeza dos meus desatinos.

Algun tempo depois, o meu desconhecido parou junto de uma casa de boa apparencia, e convidou-me a entrar. Deixando-me na sala da entrada, ausentou-se por alguns instantes, sem duvida, para me prepararem o alojamento. Eu vivia, para assim dizer, authomaticamente; pouco a pouco, cabi n'um estado lethargico, que me tirava o sentimento do que se passava em volta de mim. Mal attentei que me instalavam em uma camara assás confortavel e que um medico, examinando-me cuidadosamente, recommendava socego absoluto.

A febre devorava-me. O cerebro parecia comprimido por uma argola de metal. O socego e o uso de calmantes, chamaram-me de novo á vida; no seguinte dia abri os olhos, respirei sem difficuldade. Não sabia onde estava, só remotamente me recordava do que se passara. Junto a mim velava o meu desconhecido.

— Sentei-me na cama e procurei fallar.

— Socegue, me diz elle. A Providencia incumbiu-me de velar por si. Safo.

Durante o dia, uma mulher idosa, não deixou, em periodos certos, de me dar os remedios prescriptos pelo medico e algum alimento.

Ao terceiro dia julguei-me restabelecido, e pedi ao meu salvador para dar por terminada a sua hospitalidade.

— Tem a liberdade para proceder como entender, na intelligencia de que a sua permanencia n'esta casa, em coisa alguma me contraria. Não me creia, todavia, isento de egoismo, visto que me atrevo a rogar-lhe a revelação da sua tenebrosa historia.

Narrei-lhe succintamente os ultimos successos que me levaram ao desespero, de que o meu bemfeitor foi testemunha, e lamentei as desventuras irremediaveis que me apavoravam o espirito.

— Recobre animo e confie na Providencia. Não ha céu sem nuvens, nem existencia cujos caminhos conduzam sempre á felicidade. As lagrimas e as dôres são o legado infallivel da pobre humanidade. Felizes na terra, não ha, creia-o. Os homens apparentemente mais felizes, parecem-se com estes bellos fructos que,

vermelhos e são no exterior, são roídos e contaminados, no coração, pelos vermes.

— Em breves palavras lhe vou patentear as tempestades da minha mocidade. Esgotei até ás fezes o calix das amarguras. Arquei com todas as contrariedades. Deus deu-me forças para vencel-as.

«Ameci perdidamente uma donzella. Pelas relações que tinha com a sua familia, era-me permittido vê-la todos os dias. Henriqueta era o objecto dos meus sonhos, o alvo de todas as minhas ambições. Possuir a mão de Henriqueta, era atingir a suprema ventura. Pareceu-me corresponder ao meu affecto, confundir-se nas mesmas aspirações. Perante a imagem da Virgem e do retrato de sua fallecida mãe, protestou-me solemnemente o seu amor.

Por mais de um anno vivi acalentado com esta doce esperanza. Um parente, que terminára a sua formatura em direito, começou tambem de frequentar a casa do pae de Henriqueta. Vi-o cada vez mais redobrar de attentões para com a minha noiva, e que esta correspondia-lhe com tão requintado affecto, que para logo me fez nascer no peito a desconfiança.

Umaz vezes julgava que a paixão me illudira, e que a alma candida de uma donzella não mentia á fé jurada. Achava-a incapaz de tão atroz perversidade. Era todavia, certo, que n'ella se notava uma grande frieza, que tratava de encobrir com sorrisos estudados. Raras vezes entrava em casa, que o primo não estivesse ao lado d'ella.

Certo dia em que ficámos sós, significuei-lhe a resolução em que estava, de deixar de frequentar a sua casa e de ceder o meu logar ao homem a quem manifestamente dava a preferencia no seu coração. Negou tudo, chorou e renovou as suas antigas promessas, protestando não receber mais, em intimidade, o seu primo Eduardo.

No seguinte dia achei-a só, mas ouvi uns passos ligeiros, como de pessoa que se afastava, e Henriqueta veio para mim com um sorriso meigo, que todavia denotava sobresalto. Dissimulei tambem, e no dia immediato communiquei-lhe a minha saída para fóra da terra.

Não me esperava — e não podendo eu dominar o ciúme que me escaldava — mudei de tenção e dirigi-me a sua casa. Disse-me a creada que a senhora estava no quintal. Busquei-a com os olhos em toda a parte; o demonio da desconfiança encaminhou-me os passos para um caramanchão. Ao pé de Henriqueta estava Eduardo; passava-lhe o braço em volta da cintura. Uma nuvem de sangue passou-me pelos olhos e, como um leão enraivecido, saltei junto dos dois amantes. Com tal vigor arreinsesei este miseravel de encontro ás grades do caramanchão, que o prostrei na terra sem signaes de vida. A perjura fugiu aterrada.

Dois dias depois fui encerrado n'um carcere.

Por influencia da familia do meu adversario fui condemnado a um anno de prisão. Imagine as torturas que me dilaceraram o coração. Meus velhos paes empregaram todos os meios ao seu alcance, para me tornar menos penosa a privação da minha liberdade.

Certo dia, assentado junto da janella do meu quarto, entregava-me, como costumava, á unica distracção que me era permittida — a leitura. Ouvi o rodar de carruagem: era Henriqueta e Eduardo, acompanhados dos padrinhos. Vinham de casar-se, e muito de proposito desfilavam em frente da minha prisão, para me infligirem este derradeiro insulto. Era de mais. As torturas da minha alma são facéis de avaliar. Por mais de uma vez tive a idéa de pôr termo á existencia, esmagando o craneo de encontro ás grades da janella. A razão venceu; desvaneceram-se-me até no espirito as idéas de vingança.

Tres dias depois de recobrar a liberdade, abracei meus velhos e desditosos paes, e tomei logar em um navio que navegava para a America. Alistei-me em um regimento inglez, sob o commando do coronel Fraezer, que ultimamente serviu em Portugal, no posto de general, debaixo das ordens do marechal conde de Lipe. Em todos os combates procurei pressu-

rosamente a morte. Não logrei alcançá-la, e o desespero que me ia na alma, passou aos olhos dos meus superiores e companheiros de armas por arrojo e bravura.

Com o meu coronel e officiaes superiores do regimento passámos ao serviço de Portugal, do seu excellente paiz, no qual pouco me demorei, deixando o serviço militar para voltar ao lar paterno. Tive ainda a ventura de tornar a vêr meus velhos paes e, sem o esperar, encontrar uma avultada herança, legada por um tio que havia perdido sua unica filha.

Como vê, tive força para arrostar com os infortunios, exageradamente exacerbados pela imaginação juvenil, e que ao depois reduzimos a proporções rasoaveis. Logrei tornar-me homem e esquecer-me da mulher que, n'um momento, cortára pela haste, todas as flores de esperanza que brotavam no meu peito.

«Para todos os males da terra incumbiu-se a Providencia de crear o balsamo que as cicatriza. Não desanime; seja homem. Viva para a sua patria e para a sua familia. A quanto monta a quantia depositada nas suas mãos pelo seu camarada, morto no campo da batalha?

— Cinco mil francos.

— Insignificante é a quantia. Quer permittir-me a satisfação de concorrer para o pagamento d'esta dívida? Não pretendo vexal-o. Aceito o embolso do dinheiro, quando para isso estiver habilitado.

No mesmo dia entreguei a mr. Lafite o legado do capitão Carlos de Mendonça, e dois mezes depois, em março de 1812, recebi ordem de marchar com o 1.º esquadrão, de que fazia parte, commandado pelo chefe de esquadrão, D. João de Mello, para Mayence, havendo atravessado o Rheno. D'ali nos dirigimos para o Hanover, afim de recebermos remonta de cavallos. Pouco depois o regimento de cavallaria portugueza, sob as ordens do valoroso marquez de Loulé, chegou a Mayence e d'esta cidade seguimos por Lutzen, passamos o Elba, entramos na Prussia por Francfort e proseguimos a marcha até á margem esquerda do Niemen, onde estava acampado o grande exercito francez, perto de 500:000 infantes e 177:000 cavallos.

Mr. Estevam Durand, o meu salvador, havia-me acompanhado até no ultimo arrabalde de Paris. A nossa despedida fóra affectuosa e melancolica, pelo presentimento reciproco de que não nos tornariamos a vêr. Trocamos a nossa correspondencia durante algum tempo, e na ultima carta recebida em Moscow, significava-me o estado pouco animador da sua saude. Não me chegou ás mãos mais carta alguma d'este excellente amigo, o que me amargurou extremamente.

Fallece-me o animo para descrever os horrores da retirada de Moscow, da mais desastrosa jornada dos tempos modernos.

A cavallaria portugueza contava ainda 800 cavallos quando entrou n'esta cidade, que já apresentava o pavoroso aspecto do incendio!

Retirámos vinte dias depois, juntos com a guarda imperial, escoltando consideravel numero de prisioneiros. De Moscow até Semolensko não houve sensivel desfalque de cavallos, mas demorando-se o exercito n'e-te ponto dois ou tres dias, quasi tudo por lá ficou. Depois da nossa marcha retrograda, só cuidou cada um em escapar-se. Eu e alguns outros do regimento entramos em Könisberg no dia em que, para sempre, se occultava em uma sepultura, o desditoso marquez de Alorna.

Seguimos de Elben para Berlin e d'ali para o Hanover, Leipzick, Grenoble. Reunimo-nos mais tarde em Bourges e, feita a paz, veio a esta cidade um general francez e ali, em parada, nos propoz á escolha, a continuação do serviço na França ou o regresso a Portugal.

Decidi-me pela volta, cuidando logo de saldar previamente a minha dívida de honra.

N'este intuito fui a Paris, e procurei em casa mr. Durand. Veiu logo para mim o porteiro, muito admirado do meu regresso, porque ouvira dizer que todo o exercito do imperador fi-

cára sepultado nos gelos da Russia. Deu-me a triste noticia da morte de Durand.

Suffoquei-me em pranto. Era dolorosissimo para mim não tornar a estreitar nos braços o salvador da minha vida e da minha honra!

Depois de ver desaparecer em volta de mim tantos companheiros de armas, ainda tive que prantear a perda de tão excellente e sincero amigo!

— Era devedor de algum dinheiro a mr. Durand. Não tendo a ventura de o entregar a elle proprio, a quem devo fazel-o? Quem é o herdeiro dos seus haveres?

— Os parentes e os estabelecimentos pios; no entretanto, devo asseverar-lhe que nas disposições deixadas pelo sr. Durand, é declarado que não tem devedores, e que se algum se apresentasse a fazer qual-quer restituição, fosse a importancia d'ella considerada como legado por elle feito ao restituidor.

Voltei finalmente á patria. Fui logo á villa de Goes, minha terra natal. Estreitei nos braços a unica irmã que me restava. Casara com um lavrador remediado d'aquelles formosos sitios, e depois de orvalhar com o mais doloroso pranto a sepultura de meus saudosos paes e irmãs, dirigi-me a Lisboa, voltando mais tarde a exercer o magisterio em Santarem, terra da minha predilecção, na qual espero de morrer.

M. ALVES DE SOUZA.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

PROJECTO GIGANESCO  
CAMINHO DE FERRO PARA NAVIOS  
SOBRE O ISTHMO DE PANAMA

Não obstante termos de nos occupar brevemente do canal do Isthmo de Panamá, que vai encurtar a communicação da Europa com as costas occidentaes da America, não podemos deixar de fazer menção do projecto gigantesco de um caminho de ferro para transporte dos navios atravez do isthmo.

O inventor, o Sr. Eads, bem conhecido engenheiro americano, distinguio-se durante a guerra civil pela rapida creação de uma esquadra de improvisados couraçados, e subsequentemente pela edificação de uma grande ponte entre o Mississipi e S. Luiz.

Propunha-se o notavel engenheiro a construir o referido caminho de ferro para navios de alto bordo poderem ser conduzidos de um oceano a outro isto é, do Atlantico ao Pacifico, por meio de fortes locomotivas.

A linha consistiria em dois caminhos maritimos, juntos por umas quatro vias de carris (rails). A condução seria feita n'uma especie de plataforma, que preveniria toda e qualquer eventualidade que podesse dar-se no trajecto.

O navio seria levantado da agua por meio de poderosos guindastes, e devidamente fixados a uma especie de carreira que o conduziria sobre os rails, os quaes devem ser doze, e collocados a distancia de quatro a cinco pés uns dos outros. As locomotivas seriam cinco vezes mais poderosas e fortes que as boas machinas communs, e os doze rails seriam todos servidos por duas locomotivas e dois tenders. As carreiras ou estrados seriam dispostos de modo que podessem receber navios das maiores lotações e seriam fornecidas de rodas afastadas umas das outras

tres pés, isto para cada rail; subindo a quantidade das rodas, para os grandes vapores, a um total de mil ou mil e duzentas. O transito far-se-hia com a velocidade de dez a doze milhas por hora.

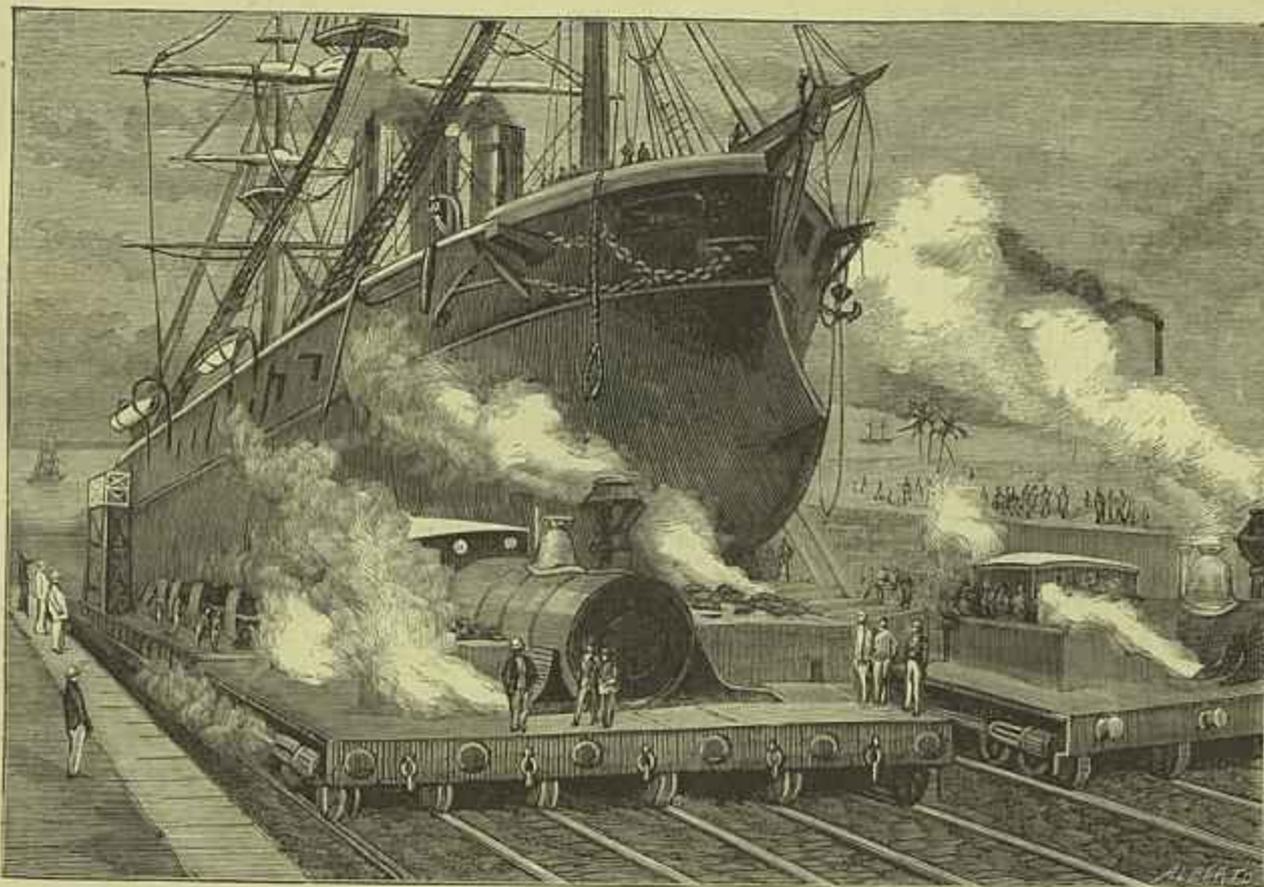
O Sr. Eads assegura que o seu caminho de ferro, o qual seria construido em muito maior altura sobre o isthmo que o canal do Sr. de Lesseps, custaria metade da importancia do canal de eclusas ou comportas, e um quarto da despesa do que fosse estabelecido no nivel das marés.

A nossa gravura deixa perceber bem este grandioso projecto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

APPENDICE Á SEGUNDA EDIÇÃO DA GEOGRAPHIA GERAL ACTUALISADA, contendo as doutrinas exigidas pelo ultimo programma de 14 de outubro de 1880 por José



UM PROJECTO GIGANESCO—CAMINHO DE FERRO PARA NAVIOS, SOBRE O ISTHMO DE PANAMÁ

Nicolan Raposo Botelho. . . Porto, editor Ernesto Chardon, — 1881 — preço 400 réis, de 168 paginas. — O sr. Raposo Botelho, tenente de infantaria, é um dos officiaes que faz honra á sua classe. Dotado de muita intelligencia e aturado no estudo, não só tem escripto obras especialmente militares como o *Curso elementar de tiro*, etc., mas e principalmente, dedicando os seus momentos disponiveis ao ensino da juventude, no passo que trabalha como perceptor intelligente, vai consignando os resultados da sua applicação em obras utilissimas ao ensino. A sua *Historia Universal, o Compendio de chorographia portugueza com mappa, a Arithmetica pratica os seus Theoremas* introduzidos no 3.º anno do curso de mathematicas, os *Problemas* para uso dos meninos que se preparam para exame de instrucção primaria, a *Geographia geral actualisada*, estão mostrando a actividade e profundidade dos seus trabalhos. No *Appendice* dão-se as noções de geographia antiga e outras, que segundo o novo programma eram indispensaveis para completar as doutrinas expostas no referido compendio de geographia, com cujo addiccionamiento ficou á altura do ensino.

Resente-se o trabalho de alguma pressa na sua redacção, apresentando algumas incorrecções de phrase e de designações, que em futuras edições desaparecerão de certo, fazendo sobresahir ainda mais a simplicidade e bom methodo com que são dispostas as obras do intelligente official.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.—*Desenho linear, illustrado com 81 gravuras*, Lisboa, editor David Corazzi, empresa Horas Romanticas, 40, rua da Atalaya, 52.

— É o n.º 11 d'esta util publicação e que não desdiz das suas anteriores. As doutrinas são expostas com simplicidade e clareza, e dá muitas noções, para um livrinho tão pequeno.

Pena é que algumas omissões e alguns erros typographicos prejudiquem este effeito. Assim por exemplo não se definem *linhas concavas e convexas*, o que é indispensavel por qualquer d'ellas ser uma linha curva; lê-se tambem alli *divisão sexagimal* em vez de *sexagesimal*, que o povo não sabe o que é. Na descripção da *prancheta* lê-se que tem 8 centimetros de comprimento por 5 de largura o que é necessario corrigir, e outras pequenas cousas que accusam falta de revisão.

ALBUM DAS GLORIAS.—*Desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Rialto e João Ribaixo, lithographias de Justino R. G. Guedes, n.º 16, Lisboa*. Este numero publica uma espirituosa *charge* do sr. general Macedo desenhada por Bordallo Pinheiro com um artigo humoristico por João Ribaixo.

THEATRO INFANTIL PORTATIL.—*O Barba Azul, Aladino ou a Lampada Maravilhosa, A gata Borralheira, A Bella Adormecida*. — É uma bella collecção de folhetos com estampas coloridas e mutações de scenas, de uma atracção irresistivel para as creanças, publicada pela casa editora de *Veuve S. P. Allaud, Guillard e C.º de Paris rue de S.º André des Arts, 47*. Este mesmo editor, tambem está publicando, para creanças, uma interessante collecção de historias illustradas com estampas coloridas, e uma serie de folhetos tambem illustrados no mesmo genero, em que se conta muito elementarmente a historia das varias industrias humanas, o que achamos do maior interesse pelas noções de trabalho que estes pequenos livrinhos logo implantam no espirito das creanças, habilitando-as desde os primeiros estudos escolares a

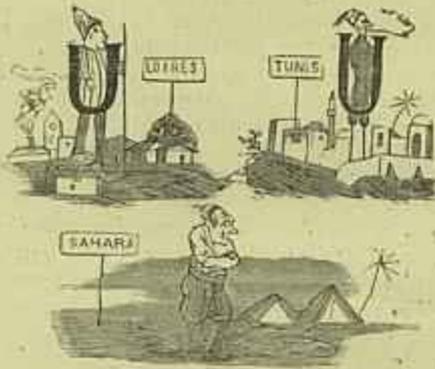
terem ideia do que é o trabalho do homem e a geração das industrias, systema esto que se seguido gradualmente dá uma educação muito mais completa da que em geral se dá em o nosso paiz, onde ha inteira ausencia d'estas publicações, e ainda mais de ellas entrarem nas primeiras escolas.

BRAZILEIROS ILLUSTRÉS, por Pinheiro Chagas, editor Ernesto Chardon, Porto 1881. — É um pequeno livro de 160 paginas em que o seu illustre auctor faz o esboço biographico dos principaes homens do Brazil, como o titulo indica, no brilhante estylo e elegancia que todos reconhecem em Pinheiro Chagas.

A CASA A VAPOR, por Julio Verne, traducção de Cunha e Sá, editor David Corazzi, Lisboa, 1881. — Está publicado

o 1.º vol, e aguardamos a publicação do 2.º para dar-vos mais desenvoltiva noticia aos nossos leitores, para quem allias é já bastante popular o nome de Julio Verne.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Anda-se melhor pelo caminho do vicio do que pelo caminho da virtude.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6